

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/104029>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2023 by UNIVATES. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

CULTURA POPULAR E SUA APLICAÇÃO NAS AULAS DE ARTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Rafaella Ferreira Costa¹

Ana Cecília Oliveira²

Beatriz Arantes Zanchin³

Adriana do Nascimento Araújo Mendes⁴

INTRODUÇÃO

O presente relato aborda experiências vivenciadas por três licenciandas em artes, em uma escola Municipal de Campinas através do Programa Residência Pedagógica - Subprojeto Artes, da UNICAMP. Este programa permite o contato direto com o cotidiano escolar, possibilitando que os residentes compreendam com mais profundidade as dinâmicas da escola através da participação ativa dentro e fora de sala de aula. A escola em que realizamos a residência é relativamente pequena e, apesar de estar localizada em uma área rural, não possui muita área verde. Atualmente, a instituição possui dez turmas (duas salas por ano) de Ensino Fundamental I pela manhã, nove turmas de Fundamental II à tarde e à noite mais duas turmas de EJA, contando com uma média de 30 alunos em cada sala.

As residentes acompanharam as aulas do professor especialista em Artes nas turmas do primeiro ao quarto ano, entrando em contato com distintas idades e fases de desenvolvimento e com as divergências encontradas em duas turmas da mesma faixa-etária, o que tornou possível observar as diferentes maneiras de abordar as temáticas, o desenvolvimento corpóreo-motor de cada um e as habilidades em utilizar variados materiais e formas de auxílio aos alunos.

Um possível caminho a ser desenvolvido parte de uma perspectiva de que uma proposta de educação multicultural deve ser abordada pela escola e, consequentemente, transposta às aulas de arte possibilitando uma formação mais abrangente que engloba as múltiplas culturas existentes na sociedade leva a um reconhecimento e respeito mútuo sobre as diferenças e a uma melhor percepção das similaridades. Como nos diz Richter (2003, p.15), “respeitando e buscando compreender os aspectos estéticos/visuais presentes na família dos(as) estudantes relativamente às origens étnicas, de maneira a permitir uma compreensão desses aspectos e sua futura adequação ao ensino escolar.”

METODOLOGIA

¹ Graduanda do Curso de Dança na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, r243588@dac.unicamp.br

² Graduanda do Curso de Artes Visuais na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, a212712@dac.unicamp.br

³ Graduanda do Curso de Artes Visuais na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, b213452@dac.unicamp.br

⁴ Professora orientadora: Docente do curso de Música do Instituto de Artes da UNICAMP, aamendes@unicamp.br

Durante o primeiro semestre de acompanhamento das aulas foram desenvolvidas diversas atividades. A seguir, falaremos sobre duas delas que apresentaram um foco em diferentes manifestações culturais, em cuja aplicação as residentes tiveram papel relevante e ativo. A primeira delas se intitula "Boi Falô" e trabalha com as artes da cena (dança e teatro) e música, e a segunda, intitulada de "Catira", trabalha com dança e música.

Na região onde a escola está situada, existem diversos contos e histórias populares devido ao fato que, antigamente, uma das maiores fazendas de café de Campinas ficava no local. Uma das histórias extremamente populares da região, intitulada como "Boi Falô", é celebrada na Semana Santa, sendo comumente trabalhada na escola todos os anos. Por se tratar de uma lenda passada principalmente de forma oral de geração para geração, existem muitas vertentes e ramificações da história, e o trabalho com os alunos do 4º ano na disciplina de artes foi desenvolvido com base no livro "A Lenda do Boi Falô" de Ulisses Junior, adentrando assuntos étnicos referentes ao povo escravizado.

A história fala sobre a resistência de um escravizado que utiliza de um dia santo perante a igreja católica para que seu "senhor" não o escravizasse. A história diz que na Sexta-feira Santa ninguém podia trabalhar, mas o barão Geraldo continuava escravizando as pessoas. Então um dos escravizados, ao ir afastar o gado, disse que o boi falou que "dia santo não é dia de trabalho". A história viralizou e o barão, com medo de ser punido pela igreja, decretou que este dia seria um dia para descanso e dedicação apenas à igreja.

O primeiro passo ao tratar dessa lenda é a substituição do termo escravo para escravizado, e uma contextualização histórica sobre as terras de Barão Geraldo que tem esse nome por ter sido de um barão chamado Geraldo.

A história estava sendo trabalhada também pelos professores de classe de cada turma, e isso foi uma grande barreira, pois uma das turmas acompanhada estava com uma visão da história de que o escravizado era preguiçoso e estava arrumando desculpa para não trabalhar. Outra questão era que, de uma aula para outra, eles voltavam a repetir o termo "escravo" que era utilizado pela professora da classe. Como as residentes estavam acompanhando o professor especialista de artes, o papel era de reforçar a utilização do termo "escravizado" e enfatizar que a mentira contada era uma questão de resistência. No fim, foram observados resultados positivos quanto à compreensão correta da lenda.

No que diz respeito ao trabalho de artes, foi feita a associação entre o "Boi Falô" e outros bois da cultura popular brasileira, como o Boi Bumbá da Amazônia e o Bumba-meu-boi do Maranhão. As turmas visualizaram o documentário "Danças Brasileiras - Bumba-meu-boi" produzido pelo Canal Futura, apresentado por Antônio Nóbrega e Rosane

Almeida, mostrando o Bumba-meu-boi do Mestre Ciriaco. A análise do vídeo foi voltada a cultura do Maranhão e aos personagens que compõem a manifestação, e, após assistirem ao vídeo, os alunos experimentaram no corpo a postura e os passos visualizados.

A segunda atividade destacada, trata-se de uma manifestação da cultura caipira para se trabalhar em conjunto com a festa junina da escola, tendo sido designado ao professor de artes a responsabilidade de organizar uma apresentação dos alunos. Com a intenção de não realizar apenas uma "dancinha", o professor buscou trazer para as turmas uma visão mais abrangente da cultura que essa festa envolve. Para isso, foram introduzidas aos alunos a dança e música típicas da catira, um ritmo caipira. Passamos um vídeo de uma apresentação de um grupo tradicional - Os Favoritos da Catira. Foi apontado para os alunos prestarem atenção no ritmo das palmas e pisadas, mostrando como elas são importantes para a construção sonora do gênero. Depois de assistir ao vídeo algumas vezes, foram ensinadas a melodia, a letra da música tocada e foram realizadas explorações corporais com foco nas palmas, batidas dos pés e deslocamentos.

Os 2ºs e 4ºs anos apresentaram juntos na festa da escola a Catira, porém cada sala com seu momento de destaque e uma letra autoral, incentivando a criatividade das crianças e dando a oportunidade delas desenvolverem rimas. Para isso, foi proposto que os alunos incorporassem elementos da sala de aula e da escola na música. Ex.: como bate bastante sol na janela da sala, fizeram a letra: *Eu sou do segundo ano / Segundo ano A / A janela é amarela / E o sol vai nos queimar.*

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na atividade “Boi Falô”, a primeira turma do 4º ano tinha presente uma aluna que veio do Maranhão e conhecia a manifestação do Bumba-meu-boi, o que fez com que toda a turma se interessasse pelo tema, e aprendesse através do brincar, vivenciando com um corpo muito presente nas dinâmicas de grupo, de duplas e individuais, fazendo questionamentos sobre os movimentos e ansiosos para os momentos destinados à dança no decorrer da aula. O corpo brincante se fez improvisar, e o trabalho planejado se expandiu devido à alta adesão da turma.

No que se refere a segunda turma do 4ºano, o início se mostrou extremamente conturbado, os alunos se apegaram ao chifre do boi, e toda a aula se tornava uma ridicularização do outro que se mostrasse interessado a desenvolver a figura do boi em seu corpo. Mesmo com o docente e a residente afirmando a história da manifestação e o respeito que devemos ter pela cultura do outro ou nossa, nada mudava. Foi necessário reduzir as expectativas do planejamento e trabalhar com movimentos menos complexos, focando na

capa do boi (um pano que se coloca nas costas para aproximar o corpo humano do corpo do boi) e nos movimentos de outros personagens presentes na manifestação do Bumba-meu-boi, como por exemplo os passos feitos pela Cazumba que possuem uma postura verticalizada.

Na atividade “Catira” as turmas do 4ºano tiveram comportamentos similares aos apresentados no “Boi Falô”. Uma delas se mostra corporalmente mais ativa, com consciência de movimento pré-estabelecido, conseguindo manter o ritmo das palmas e dos pés proposto pelo docente e pela residente. A segunda turma se mostrou desinteressada: as palmas e o movimento sonoro dos pés eram realizados na intenção de ser melhor que o outro, fazer mais alto, sempre em disputa, e dois alunos se recusaram em diversas aulas a participar, sendo necessário a busca de outras estratégias de acessar todos os alunos nesta turma.

Além dos 4º anos, a Catira também foi trabalhada com os 2º anos. Com essa faixa-etária, em um primeiro momento, algumas crianças estavam acanhadas para cantar, enquanto outras tendiam a gritar, porém, com o auxílio do professor, aos poucos elas foram aprendendo o ritmo e a melodia. No geral, ambas as salas demonstraram ser participativas, apresentando mais dificuldade somente nos momentos de bater o pé. Entretanto, em uma das turmas aconteceram dois problemas. A primeira adversidade ocorreu em relação à religião, pois um aluno, o qual normalmente demonstra bastante interesse nas aulas, teve uma crise de choro durante um dos ensaios e não conseguia explicar direito a situação. Mas, conversando com ele, foi possível entender que era algo relacionado à festa junina ser considerada uma festividade da Igreja Católica e por isso não queria participar. Após um pouco mais de diálogo, foi possível chegar a um acordo em que ele poderia apenas bater palmas junto com as outras crianças, para que se sentisse mais confortável.

A segunda situação adversa foi relacionada ao comportamento de alguns alunos, sendo estes considerados por muitos os “alunos-problema” da turma. Foi decidido fazer o ensaio em uma área externa da escola, a fim de que as crianças tivessem mais liberdade, mas este grupo de alunos começou a extrapolar os limites ao recusarem-se a se envolver com a atividade e brigarem entre si. O professor, depois de muitas tentativas, perdeu a paciência, pedindo para que esses alunos voltassem para a sala com uma das residentes. Contudo, isso só fez com que as alterações aumentassem, sendo necessário a intervenção da coordenação para apaziguar o conflito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse relato pode-se observar a distinção entre diferentes turmas do mesmo ano e suas “personalidades”, observação esta possibilitada pelo acompanhamento de duas turmas do

mesmo ano, ao aplicar as mesmas atividades com a mesma metodologia, e como isso impacta a forma que o professor age e modifica suas estratégias de ensino durante o desenvolvimento da aula. Essa divergência, em casos extremos, pode proporcionar objetivos singulares para cada turma, mesmo trabalhando com uma única temática.

Ao finalizar o primeiro semestre, acompanhando e auxiliando o professor de Artes, percebe-se que, mesmo ele sendo formado em Música (linguagem artística que não é a área específica de formação de nenhuma das residentes, pois estamos em cursos de Artes Visuais e Dança), precisa dar conta de uma polivalência no ensino de artes, recaindo sobre um professor com a formação em uma linguagem artística específica o encargo de ministrar aulas em todas as outras áreas das artes. Tendo isso em mente, o Programa de Residência Pedagógica na UNICAMP também auxilia na troca entre linguagens, visto que os integrantes do programa constituem-se de alunos de licenciatura e professores de cada uma das linguagens artísticas, permitindo a contribuição de cada uma nas ações das aulas.

Ao cursar a Licenciatura em Artes com habilitação em Dança ou Artes Visuais, não são vivenciadas na grade curricular matérias que possibilitem ao aluno muito contato com outras linguagens artísticas além da que é sua habilitação, sendo então imprescindível o contato com essas linguagens de forma aprofundada e prática, algo que o Programa de Residência Pedagógica consegue proporcionar.

Palavras-chave: Ensino fundamental I, Cultura popular, Arte-educação, Formação docente.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através do Programa Residência Pedagógica, pelo fomento e apoio através de bolsas.

REFERÊNCIAS

- CANAL FUTURA. **Danças Brasileiras - Bumba-meu-boi (1 de 2)**. Youtube, 29 de setembro de 2007. Disponível em: https://youtu.be/t_cziTYeoLY?si=0oBcfofJeHzWeaW5. Acesso em: 29 de agosto de 2023
- CANAL FUTURA. **Danças Brasileiras - Bumba-meu-boi (2 de 2)**. Youtube, 29 de setembro de 2007. Disponível em: https://youtu.be/_FFSF_C0Bio?si=9GP72bqdbLwNbG3k. Acesso em: 29 de agosto de 2023
- JUNIOR, Ulisses. **A Lenda do Boi Falô**. Campinas, 2018.
- TV CULTURA. **Dois com Dois é Quatro, por Os Favoritos da Catira**. YouTube, 1 de agosto de 2012. Disponível em: <https://youtu.be/2lZJBKXL2lc?si=I7Bu890H-YQj-9HQ>. Acesso em: 26 de agosto de 2023.
- RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.